



Educação Adventista

DIA DA EDUCAÇÃO 2020

SERMÃO ESPECIAL: “SEMEAMOS A NOSSA SEMENTE”

Texto-base

Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido.

João 10:14

Introdução

Naquela noite de final de setembro de 2019, Alua Abzalbek, 14 anos, deitou-se no seu quarto, na pequena casa em que vivia com os pais, em Bastobe, no Cazaquistão. Como fazia habitualmente, ligou o smartfone, para ouvir música enquanto adormecia. Como a bateria estava quase descarregada, colocou o carregador, ligou-o à tomada junto à mesinha de cabeceira, pousando o aparelho na almofada, ao pé da cabeça.

Na manhã seguinte, os pais entraram no seu quarto para a acordar. Infelizmente, a imagem com que se depararam jamais se apagará das suas memórias. A bateria do smartfone da Alua tinha explodido e a força dessa explosão causara grandes danos à sua cabeça, que se encontrava a escassos centímetros do aparelho. Os pais chamaram imediatamente a emergência médica, que já só pôde atestar que a menina perdera a vida (1).

Os pais e a melhor amiga divulgaram nas redes sociais sentidas mensagens de despedida, testemunhando da beleza e da simpatia de Alua. Como era possível que algo assim pudesse ter acontecido a alguém como ela?! Face a um episódio tão inusitado e lamentável, nem vale a pena recordar alguns elementos básicos sobre o uso de aparelhos eletrônicos pelos jovens: que eles prejudicam o sono, quando as luzes são usadas antes de dormir e no escuro; que adormecer com música não permite o cérebro descansar; e que é perigoso falar e dormir com eles a carregar, pois podem estar danificados e colocar a segurança em perigo. Todos estes conselhos são verdadeiros, mas já não valem para aqueles pais, que tanto sofreram com a perda de uma filha.

A pergunta que gostaríamos de deixar é bem mais profunda, menos prática, mas com um sentido mais espiritual: Como é possível, hoje, sensibilizar para o conhecimento de Jesus, numa geração que tem ao seu dispor tantos instrumentos de informação, comunicação e entretenimento – e acorda, vive e adormece a usá-los e a pensar sobre eles? Como levá-los a Jesus, àqueles que, mesmo sem o dramatismo da história anterior, vão perdendo a sua vida aos poucos, imersos em tanta coisa que d’Ele os afastam?

Sim, as nossas crianças e os nossos jovens, envolvidos num mundo que pulsa a alto ritmo, podem não perder a vida de uma forma dramática e imediata, como Alua. Mas, a muitos, vemos a vida, presente e eterna, a esfumar-se numa rotina acelerada e sem sentido. E, sem eventos dramáticos que nos chamem a atenção, como educadores, não nos apercebemos da grande omissão que podemos correr o risco de estar a cometer.

Desenvolvimento

- Tecnologia e Educação: um desafio atual

Hoje é um Sábado especial, com um Sermão dedicado à reflexão sobre a importância da Educação Adventista, na Família, na Igreja e na Escola, onde ela existir. Iniciámos este Sermão com uma ilustração que nos choca e impressiona, não só pela perda de uma vida nos seus melhores anos, mas também porque se refere a um dos maiores desafios educativos das famílias na atualidade: o modo como as famílias gerem o tempo e os conteúdos no uso da tecnologia por parte das crianças e dos jovens. A surpresa que tal impacto nos causou prova-se na procura de apoio para lidar com ele; daí que a grande maioria de ações pedidas ao Departamento de Educação pelas igrejas locais seja nesta área. Queremos compreender e saber atuar neste novo tempo.

Este é um dos maiores desafios à Educação por várias razões:

1. É uma área onde, normalmente, os educadores estão sujeitos a um mesmo desafio de autocontrolo no tempo e no uso da tecnologia que os seus educandos, o que pressupõe um exemplo muitas vezes difícil de fornecer.
2. É uma área onde, normalmente, as crianças e os jovens denotam uma maior facilidade de uso do que aqueles que os devem orientar, pois é-lhes inato, na sua forma de aprendizagem e de pensamento.
3. É uma área em que, pela primeira vez na História, as crianças e os jovens estão permanentemente em qualquer lugar, ou seja, contactam com o mundo exterior e as suas realidades, em todo o tempo, sem terem de sair do quarto.

Estamos todos – educadores e educandos – em adaptação a esta realidade. Aliás, ainda nem todos concordamos na sua bondade ou na sua perniciosidade, o que acontece com qualquer ferramenta de informação e comunicação: é bom ou mau, consoante o seu uso (2). Mas, mesmo que o uso não seja propriamente “mau”, o que é certo é que as novas tecnologias estão a encaminhar gerações inteiras para formas diferentes de observar, raciocinar, memorizar, ou, pura e simplesmente, pesquisar.

Pensemos na seguinte frase, de especialistas no tema (3), sobre as novas formas de pesquisa:

“Como resultado, alguns professores reportam que, para os seus estudantes, ‘fazer pesquisas’ mudou de um processo relativamente lento de curiosidade e descoberta intelectuais, para um exercício de curto prazo a passo acelerado, destinado a localizar a informação suficiente para completar uma tarefa”. Ou seja, as pesquisas recolhem o mínimo indispensável, o mais rápido possível, para cumprir o que é pedido. Não é bem este o objetivo, nem é bem assim que se aprende, pois não?!

Repetimos parte desta última frase, que muito nos deve fazer refletir:

“... ‘fazer pesquisas’ mudou de um processo relativamente lento de curiosidade e descoberta intelectuais, para um exercício de curto prazo a passo acelerado, destinado a localizar a informação suficiente para completar uma tarefa”.

E, assim, chegámos à pergunta-chave: Com esta conclusão, como estudar a Bíblia com as nossas crianças, conduzindo-as a Jesus?

- O desafio: conhecer Jesus

Não pensemos que o problema do excesso de informação – quando dispersa, fútil e veloz – é novo. No livro “Educação”, Ellen White tem uma afirmação surpreendente, em relação às publicações: “Uma das principais causas de ineficiência mental e fraqueza moral é a falta de concentração para fins dignos... velhos e jovens formam o hábito da leitura apressada e superficial, e a mente perde a sua capacidade para um pensamento contínuo e vigoroso” (4). A sua grande preocupação, ao referir-se à Educação, era precisamente garantir que o educando conhecesse Deus e o Seu Filho, o Salvador Jesus, tal como apresentados na Bíblia: “As Escrituras Sagradas são a perfeita norma da verdade, e como tal, a elas se deve dar o mais alto lugar na educação. Para se obter uma educação digna deste nome devemos receber um conhecimento de Deus, o Criador, e de Cristo, o Redentor, como se acham revelados na Palavra Sagrada” (5). A Palavra de Deus é, então, o meio da Sua revelação, em particular nas palavras e ações de Jesus, Aquele que disse: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:9) e ainda: “Examinais as Escrituras... e são elas que de mim testificam” (João 5:39).

É a própria Ellen White (baseada em princípios bíblicos e em cujos conselhos e orientações se baseia a cosmovisão educacional adventista) que propõe uma fórmula de estudo da Bíblia, um verdadeiro manual em poucas palavras sobre o modo como devemos estudar e ensinar a estudar a Bíblia. Seria bom compararmos essa fórmula com o tipo de leituras, pesquisas e estudos frequentes no dia a dia, na era do disperso, fútil e veloz. Podemos relembrar essa fórmula, atentando para os seus quatro elementos principais: (6)

1. O Método

“A Bíblia explica-se por si mesma. Os textos devem ser comparados com textos. O estudante deve aprender a ver a Palavra como um todo, bem como a relação entre as suas partes.”

Esta frase contém três princípios da hermenêutica bíblica, ou seja, a teoria da sua interpretação. Eles são tão importantes quanto o facto de, quando ignorados, conduzem a erros e desvios de interpretação. São eles:

- a) a explicação para a Bíblia está em si mesma;
- b) cada texto não pode ser entendido isoladamente, mas sim enquadrado na mensagem geral e em comparação com outros textos;
- c) estes princípios devem ser ensinados ao estudante da Bíblia.

É um grande desafio ensinar Bíblia às nossas crianças e aos nossos jovens, usando este método, que parece lento, pormenorizado e minucioso. Tudo o que a pedagogia, hoje, parece não propor. Mas ele ajuda ao conhecimento da Bíblia em profundidade, ao alicerçar da fé racional, prevenindo erros e desvios, por si ou por outros com quem se encontrem.

2. Cosmovisão

“Deve obter conhecimento sobre o seu grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do grande conflito e da obra da redenção.”

O estudo da Bíblia tem como principal objetivo o de garantir que o estudante compreende o seu “grandioso tema central”. E, para Ellen White, este tema central resume-se no conhecimento de que Deus criou o ser humano à Sua imagem, perfeito e bom; que o Inimigo de Deus originou um conflito que pôs em causa o caráter de Deus e a imagem de Deus no homem; que a redenção é um ato de amor de Deus por cada ser humano, um plano para o redimir, restaurar e reconciliar com Ele, para a eternidade.

Se o estudo da Bíblia, com os mais pequenos ao nosso cuidado, falhar em mostrar o grande amor de Deus e o seu desejo em estar com eles, pessoalmente, para sempre, não teve o mínimo sucesso.

3. Discernimento

“Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a delinear a sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação.”

Talvez este seja o ponto de mais difícil explicação a uma criança ou a um jovem. Todos gostamos de proteger os nossos pequenos do mal – e até a ideia do mal. Lembro-me da dificuldade que, pessoalmente, tive, para contar sobre o “anjo mau”, inimigo de Deus e que quer mal às pessoas. Explicá-lo seria, como diz George Stéveny (*O Enigma do Sofrimento*), justificá-lo. O mal não se explica, não se justifica – avisa-se contra ele.

A Axiologia é o estudo dos valores morais. A Educação Adventista tem uma Axiologia própria, que identifica – na História, na Sociedade, na Profecia... – a ação de Deus e do inimigo de Deus a lutar pelo coração humano e pela obediência e adoração do povo de Deus. Compreender esta luta espiritual não é fácil. Todos nós, em algum momento, ouvimos ou ouviremos dos nossos filhos: “Para ti, tudo é mau, tudo faz mal, tudo é do mal...”. Nem tudo é mau, nem tudo é do mal, de facto. Mas tudo tem uma origem e um fim, para o bem ou para o mal. Saber distingui-lo, com discernimento e com fé, fará toda a diferença.

4. Experiência Existencial

“Deve observar como este conflito penetra em todos os aspetos da experiência humana; como em cada ato da sua vida ele próprio revela um ou outro daqueles dois princípios antagónicos;...”

A capacidade de juízo é fundamental em qualquer ser humano. E ela deve ser ensinada aos mais pequenos pelos seus mais próximos, que lhes querem bem. Ajuizar é observar uma situação, avaliar as opções de ação perante ela, escolher qual a mais adequada e ser responsável pelas consequências. Saber que este processo está enformado por princípios conflitantes do bem e do mal é imprescindível para a melhor decisão. Olhar para cada estímulo existencial e decidir, respondendo a perguntas como “O que deseja Deus de mim?” e “Como posso ajudar e não prejudicar os outros?”, é o objetivo. Infelizmente, hoje, as perguntas a que mais facilmente se responde são: “O que tenho vontade de fazer?” e “O que devo fazer para ter o maior benefício?”.

5. Decisão Pessoal

“... e como, quer queira quer não, ele está, mesmo agora, a decidir de que lado do conflito estará.”

Esta longa frase que nos ensina a como ensinar os princípios bíblicos, termina com uma verdade inegável: todos nós – incluindo os nossos educandos – vivemos um conflito que dura o nosso tempo de vida. Com cada pensamento, palavra e ação, estamos a escolher de que lado estamos. Não esqueçamos que a vontade de Deus é a nossa Redenção.

O verdadeiro estudo da Bíblia explica a condição humana, elucida sobre o conflito sobre o coração humano e conduz a Cristo, que redime, restaura e reconcilia. Esse estudo é lento, trabalhoso, moroso; não está na moda e não é atrativo, à luz dos hábitos de

informação e comunicação da atualidade, mas nem por isso é desinteressante. Ele é, contudo, o único cujo resultado é o ensino para a vida eterna.

- A Parábola do Semeador: um aviso ao educador

Vamos ler a Parábola do Semeador, em Mateus 13:4-9 (7).

Procuremos comentar um pouco as circunstâncias desta Parábola de Jesus, usando algumas ideias do Pastor Roberto Badenas (8).

Esta é a primeira parábola de Jesus, narrada por Mateus, Marcos e Lucas. Jesus, como era Seu hábito, colocou-Se num sítio em que todos os Seus ouvintes o pudessem ver e começou a falar-lhes sobre um tema fundamental, usando ilustrações simples e acessíveis. Nesta ocasião, apela ao seu conhecimento corrente sobre as culturas: nem tudo o que se semeia acaba por frutificar e, logo, dar colheita; os seus ouvintes conheciam esta realidade, bem como as circunstâncias que a provocavam. Também é assim no Reino dos Céus.

Vamos procurar raciocinar sobre esta Parábola sob o ponto de vista da Educação.

Em primeiro lugar, podemos retirar que Jesus está aqui a afirmar que a missão do enviado de Deus, Ele próprio, é mais comparável à de um semeador do que à de um conquistador, alguém do tipo que eles esperavam. Afinal, tal como o semeador deixa a casa e sai para semear, Ele próprio deixou o Céu para lançar a Sua Palavra (Ellen White, *Parábolas de Jesus*). Ele deseja mais uma semente de amor no coração de quem o ouve, do que a conquista da lealdade pela força. O Seu projeto é o da reconciliação entre um Deus que chama e um ser humano que responde ao Seu chamado. E é esse hiato – entre o Seu chamamento e a nossa resposta – aquilo a que chamamos liberdade – que leva a resultados de frutificação diferentes.

Nesta Parábola, há três tempos: o da sementeira, o da frutificação e o da colheita.

O tempo de sementeira é o tempo em que a semente é colocada no coração humano. É Jesus Quem o faz, mas, hoje, necessita dos Seus instrumentos nesta Terra para o fazer. Esta é, sem dúvida, a maior responsabilidade da Família, da Igreja e da Escola perante os seus educandos. A frutificação é o tempo da aceitação ou não de cada um dos educandos, a seu tempo; mas a sementeira é responsabilidade de cada um dos educadores, já hoje.

“Jesus tenta alterar a visão sobre Deus. É um Semeador. Não é um Imperador, um Mago, um Super-Herói. O Seu Reino só cresce com muito trabalho.” (Badenas) Tal como Deus, de Quem somos a primeira imagem para os nossos filhos, nós devemos ser semeadores – não imperadores ou super-heróis – que, com muito trabalho, semeamos a Jesus no coração.

“O Semeador joga tudo por tudo em cada sementeira, porque depois dela já não há volta atrás: a semente lançada aí, fica...” (Badenas) E os nossos filhos não merecem menos.

Os discípulos não compreenderam imediatamente o sentido da Parábola de Jesus. Perguntam porque lhes fala através de ilustrações e subentendidos. E Ele manifesta o privilégio que têm por ouvi-l’O e compreendê-l’O, em contraste com aqueles que não o compreenderão. Mas acede a explicar o sentido da Sua Parábola, que de seguida exploraremos, com recurso aos comentários de Ellen White, no livro *Parábolas de Jesus*.

O tema principal da Parábola, que era o tema predileto de Jesus, era o amor paterno e a abundante graça de Deus (9). Segundo Ellen White, a afirmação de que “a semente é a

Palavra de Deus” é o “grande princípio que deve fundamentar toda a obra educacional” e, sem ela, “a mente não tem guia, nem salvaguarda” (10).

O esforço e o prazer em estudar e conhecer a Palavra de Deus é fonte de inteligência e de sabedoria, enquanto que a sua ausência provoca a perda de faculdades intelectuais, morais e espirituais. Esse estudo e esse conhecimento não só não são impeditivos de um estudo de todas as outras áreas do saber, como, pelo contrário, dá vigor à mente para os receber e deve enformar todos eles com uma cosmovisão alicerçada na fé.(11) Ou seja, os nosso cérebro e o nosso espírito são fortalecidos numa constante e habitual leitura da Bíblia e seus materiais de apoio.

Para além disso, estudar a Bíblia e aplicar os Seus princípios é caminhar na experiência Da Salvação. (12) E não é esse o objetivo da Educação? E não é esse o sonho que temos para os nossos filhos, netos, sobrinhos, alunos, educandos?

E Jesus explicou assim a Sua Parábola:

Mateus 13:19: Ouvindo alguém a palavra do Reino e não a entendendo, vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho...

Jesus explica que a semente à beira do caminho é a Palavra de Deus que chega ao ouvido de alguém que não a entende, ou seja, está desatento ao seu sentido, não é sensível à voz do Espírito. Há um paralelo no processo educativo a este tipo de ouvintes, cuja responsabilidade recai, não só na sua liberdade e autonomia, mas na responsabilidade dos seus educadores. Diz Ellen White a este respeito:

“Assim, nos lares de professos cristãos são educados muitos jovens de modo a se tornarem incrédulos; e os pais perguntam por que os filhos possuem tão pouco interesse no evangelho e estão tão prontos para duvidar da verdade da Bíblia. Admiram-se de que seja tão difícil alcançá-los com influências morais e religiosas. Não veem que o seu próprio exemplo endureceu o coração dos filhos. A boa semente não acha lugar para se enraizar, e Satanás a arranca. (EGW,PJ,15)

Na Igreja Adventista, no mundo inteiro, 6 em cada 10 jovens abandonam a Igreja entre os 18 e os 25 anos. No momento de tomar a decisão autónoma, mesmo que lembrem a semente da Palavra que lhes foi colocada, ela não frutificou e soçobrou perante ideias, desafios, amizades...

Mateus 13:20 e 21: “...porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra e logo a recebe com alegria, mas não tem raiz em si mesmo; antes, é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende...”

Não é difícil de compreender que tipo de pessoa é exemplificado com o pedregal em que cai a semente da Palavra. A semente que cai no pedregal encontra solo pouco profundo. É possível identificar hoje uma aversão generalizada à religião e ao compromisso religioso, mas uma crescente sensibilidade à espiritualidade vazia e utilitária. A sociedade atual ouve os oráculos duvidosos, as promessas da prosperidade, as procuras interiores místicas... e recebe-os com mais facilidade do que o compromisso com a Revelação de Deus na Sua Palavra.

E, mesmo entre Cristãos, há muitos que têm um primeiro amor emotivo com a Mensagem, mas não criam o relacionamento com Deus forte o suficiente para aguentar a provação com fidelidade. E, quando chega o sofrimento e a oposição, abandonam a fé.

Por muito duro que nos seja admitir, a educação, nos dias de hoje, não é, geralmente, promotora de resiliência e sacrifício. As nossas crianças são protegidas ao máximo de qualquer desconforto e sofrimento, mas também, por consequência, privadas do ideal de esforço e de mérito. Rapidamente a angústia é interpretada como ausência de bênção e a perseguição como vergonha. E a fé pode ser abandonada.

“É pela indiferença na vida cristã que os homens se tornam de propósitos fracos e desejos mutáveis. O esforço de servir tanto ao eu como a Cristo faz do homem ouvinte de pedregais, e não resistirá quando lhe sobrevier a provação. (EGW,PJ,18).

Mateus 13:22: “... e o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera...”

Jesus não deixa sem explicação clara, também, sobre quem são os que foram semeados entre espinhos. Marcos relata que Jesus menciona os cuidados terrenos, os enganos da riqueza e as ambições como perigos; Lucas acrescenta os prazeres da vida. Ellen White afirma: “A alma cessa de extrair alimento de Cristo, e extingue-se no coração a espiritualidade”. (EGW,PJ,18).

Se esses são perigos reais quanto à nossa própria vida espiritual, quanto mais não serão em relação à vida espiritual dos nossos filhos, dos nossos educandos. A diferença entre uma educação centrada na proximidade de Jesus, em valores morais sólidos, na simplicidade de hábitos e rotinas, por um lado, e uma educação pródiga em satisfazer a vontade própria, em aceder a todos os desejos materiais e em desvalorizar a vida espiritual, por outro, pode ser a diferença entre um futuro Cristão seguro e comprometido e um futuro ex-Cristão. (13)

Mateus 13:23: “...mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro, sessenta, e outro, trinta.”

Este é o sonho de todos nós, em relação àqueles mais pequenos que temos ao nosso cuidado. É o sonho de que a Palavra que lhes transmitimos - que dirige a Jesus - seja aceite, compreendida e dê fruto, numa vida de discipulado que dê outros frutos.

Conclusão

Nos dias de hoje, um enorme desafio se nos coloca: com tanto ruído nas mentes das nossas crianças, entre aulas, estudo, atividades extracurriculares, redes sociais, televisão e computador, brincadeira e encontros com amigos... que tempo e que conteúdo estamos a conseguir dedicar ao conhecimento de Jesus?

Talvez nunca o faremos, se não começarmos a cumpri-lo nós próprios:

“O grande desafio é viver o que se ensina. Por isso, somos avisados: “O professor da verdade sagrada só poderá comunicar aquilo que ele conhece por experiência própria. “O semeador semeia sua semente.” Cristo ensinava a verdade, porque Ele era a verdade. O Seu pensar, o Seu caráter, a Sua experiência da vida eram incorporados nos Seus ensinamentos. Assim também é com Seus servos; os que querem ensinar a Palavra de Deus precisam apropriar-se dela pela experiência pessoal. (EGW,PJ,14)

Paulo Sérgio Macedo
Departamento de Educação
União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

REFERÊNCIAS, TEXTOS e ILUSTRAÇÕES ADICIONAIS

1. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7519625/Girl-14-dies-charging-phone-explodes-pillow-Kazakhstan.html>

2. Mais dados de ilustração sobre a influência das TIC na Educação:

Um dos artigos mais citados sobre os malefícios da tecnologia para os mais pequenos surgiu na revista *The Atlantic*, em 2017, com o título: *Como os Smartphones Destruíram uma Geração*

(<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/has-the-smartphone-destroyed-a-generation/534198/>), relatando como o uso incontrolado conduz a jovens cansados, insatisfeitos e deprimidos. Outros estudos, menos catastrofistas, procuram demonstrar com neutralidade a relação entre os hábitos de uso da tecnologia e as mudanças cognitivas (Smartphones and Cognition: A Review of Research Exploring the Links between Mobile Technology Habits and Cognitive Functioning: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5403814/>), ou seja, como as crianças e os jovens estão a ver a sua aprendizagem influenciada pelo tempo e o uso de aparelhos eletrónicos e de como somos desafiados, como educadores, a mantê-los interessados e focados no que desejamos que aprendam. Caminhamos precisamente para uma posição de sùmula, em que os educadores assumem a nova realidade digital, procurando aproveitar o que tem de melhor no processo educativo (“Talvez seja o momento de os adultos pararem de discutir se os smartphones e as redes sociais são boas ou más, e começarem a procurar maneiras de os apoiar melhor nas suas vidas, seja online ou offline.”

In Revista *Visão*, <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2019-09-02-o-tempo-passado-ao-telemovel-e-assim-tao-mau-para-os-adolescentes-1/>)

Mas é inevitável pensar o quanto a acesso a tecnologias mudou a maneira de aprender, pensar e agir das nossas crianças e dos nossos jovens. E o quanto influencia a sua saúde mental e sensibilidade espiritual. Vale a pena analisar alguns dos últimos dados sobre isso (<https://www.bankmycell.com/blog/smartphone-addiction/>). Por exemplo, que os jovens de 13 anos que usam redes sociais intensamente têm 27% mais risco de sofrer de depressão; ou que os adolescentes que passam 5 ou mais horas diárias com aparelhos eletrónicos têm 71% mais risco de suicídio; ou que 67% dos professores acham que os telemóveis prejudicam o desempenho dos alunos e 90% dos professores têm a perceção que os problemas emocionais dos alunos aumentaram nos últimos anos; e ainda que 47% dos pais acham que os seus filhos têm um problema de adição a aparelhos eletrónicos e 89% deles culpam-se por isso. Não é um problema menor, de facto.

E há, ainda, um outro ponto interessante, agora mais sobre os conteúdos do que os hábitos de uso. É credível e útil a informação que os nossos educandos recolhem pelos seus meios? Estamos a orientá-los nessa escolha? Estamos nós mesmos a realizar essa escolha devidamente?

Proponho uma reflexão a partir de um estudo do Pew Research Center sobre as Tecnologias de Informação (<http://www.pewinternet.org/2012/11/01/part-i-introduction-3/>), que analisou a influência do mundo digital nas pesquisas realizadas

pelos adolescentes para trabalhos escolares, num universo de 2000 alunos. Convidando-o a aprofundar a leitura do estudo, deixou somente para reflexão três das suas conclusões.

Em primeiro lugar, que 77% dos professores destes adolescentes defendem que a Internet e as ferramentas digitais impactaram positivamente nos hábitos de pesquisa dos seus alunos; no entanto, 87% avisam que as TI estão a criar uma geração que “se distrai facilmente” e 64% até dizem que, para lá do benefício para as pesquisas, tais ferramentas distraem mais do que contribuem para o sucesso académico.

Uma outra conclusão relaciona-se com a alteração do conceito de “pesquisa”, que se resume quase no novo termo “googlar”. De facto, os 2000 adolescentes inquiridos revelaram que efetuar uma pesquisa na Internet é usar o Google (94%), a Wikipedia (75%) ou uma rede social (52%), o que é preocupante se comparado com os 25% que invocaram os sítios de organizações e publicações de referência, os 18% que citaram livros eletrónicos ou os 16% que usam bibliotecas online. Resta-nos pensar que o Google é usado somente como porta de entrada para todos os restantes...

3. <http://www.pewinternet.org/2012/11/01/part-i-introduction-3/>
4. “Uma das principais causas de ineficiência mental e fraqueza moral, é a falta de concentração para fins dignos. Orgulhamo-nos da vasta difusão de literatura; mas a multiplicação de livros, até os que em si mesmos não são perniciosos, pode ser um positivo mal. Com a imensa maré de material impresso a derramar-se constantemente do prelo, velhos e jovens formam o hábito da leitura apressada e superficial, e a mente perde a sua capacidade para um pensamento contínuo e vigoroso.” EGW, Ed., 20
5. EGW, Ed., 17.
6. Citação integral: “A Bíblia explica-se por si mesma. Os textos devem ser comparados com textos. O estudante deve aprender a ver a Palavra como um todo, bem como a relação entre as suas partes. Deve obter conhecimento sobre o seu grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do grande conflito e da obra da redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a delinear a sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação. Deve observar como este conflito penetra em todos os aspetos da experiência humana; como em cada ato da sua vida ele próprio revela um ou outro daqueles dois princípios antagónicos; e como, quer queira quer não, ele está, mesmo agora, a decidir de que lado do conflito estará.” EGW, Ed., 190 (Tradução livre)
7. Mateus 13:3-9
3E falou-lhe de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear.
4E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves e comeram-na;
5e outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda.
6Mas, vindo o sol, queimou-se e secou-se, porque não tinha raiz.
7E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na.
8E outra caiu em boa terra e deu fruto: um, a cem, outro, a sessenta, e outro, a trinta.
9Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.
8. Roberto Badenas, *Para Conhecer o Mestre nas Suas Parábolas*, pp. 18-29
9. “O tema predileto de Cristo era o amor paterno e a abundante graça de Deus; demorava-Se muito sobre a santidade de Seu carácter e de Sua lei; e apresentou-Se a Si mesmo aos homens como o Caminho, a Verdade e a Vida.” (EGW, PJ,p11).
10. EGW, PJ, p.12.
11. “Não se pense que isso impedirá o estudo das ciências ou causará norma medíocre de educação. O conhecimento de Deus é tão alto quanto o Céu, e tão vasto quanto o Universo. Nada é tão enobrecedor nem tão importante como o estudo dos grandes

temas que concernem à nossa vida eterna. Procure a juventude compreender essas verdades doadas por Deus; expandir-se-lhe-á a mente, e fortificar-se-á nesse esforço. Levará todo aluno que é praticante da Palavra a um mais amplo campo de pensamento, e ser-lhe-á assegurado um tesouro de sabedoria que é imperecível. (EGW,PJ,13)

12. “A educação adquirida pelo esquadrihar das Escrituras, consiste no conhecimento experimental do plano da salvação. Uma tal instrução restaurará a imagem de Deus no ser humano. Fortalecerá e firmará o espírito contra tentações, e habilitará o estudante a tornar-se coobreiro de Cristo em Sua misericordiosa missão ao mundo. Fará dele um membro da família celestial, preparando-o para participar da herança dos santos na luz. (EGW, PJ, p.13)
13. “Nesse período formativo da vida dos filhos, a responsabilidade dos pais é muito grande. Deve ser seu constante esforço rodear os filhos de boas influências, influências que lhes deem visão correta da vida e de seu verdadeiro êxito. Quantos pais, em vez disso, impõem-se como primeiro objetivo assegurar aos filhos prosperidade material! (...) Perdem-se de vista as elevadas e nobres aspirações da vida. O privilégio de serem filhos de Deus e herdeiros da vida eterna, é permutado por lucros materiais. (...) Quanto mais se condescende com o desejo de prazer, tanto mais forte ele se torna. O interesse desses jovens é absorvido gradualmente no divertimento, até que chegam a considerá-lo o objetivo da vida. Formam hábitos de ociosidade e condescendência que lhes tornam quase impossível se tornarem cristãos resolutos.” (EGW,PJ,20)